

A pesca e o pescador artesanal do município de Cametá, estado do Pará, Amazônia Oriental

Adriana da Cruz Melo^{1*}  Jésus Adriano Santos Silva^{2,3}  Mara Rúbia Ferreira Barros^{2,3}  & Rafael Anaisce das Chagas^{2,4*} 

¹ Programa de Pós-Graduação em Aquicultura e Recursos Aquáticos Tropicais, Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém-PA, Brasil

² Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Norte, CMBio, Belém-PA, Brasil

³ Programa de Pós-Graduação em Ecologia Aquática e Pesca, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, Brasil

⁴ Programa de Pós-Graduação em Oceanografia, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, Brasil

Recebido 16 outubro 2025 / 20 outubro 2025

Resumo

A atividade pesqueira na região amazônica possui uma variedade de modalidades, seja de subsistência ou comercial. Na microrregião do Baixo Tocantins, Cametá-PA, são encontrados pescadores onde a principal forma de sustento é procedente da pesca artesanal. O estudo objetivou caracterizar a pesca e o pescador do município de Cametá, na mesorregião do nordeste do Estado do Pará, realizado com pescadores vinculados à colônia Z-16 e pescadores artesanais não-associados nos locais de saída da pesca. A coleta de dados ocorreu nos meses fevereiro e março de 2023 através de entrevistas com os pescadores artesanais aplicando questionários semiestruturados. Para a caracterização da pesca, o questionário incluiu perguntas acerca dos apetrechos utilizados, o local da pesca e a embarcação utilizada. Ao todo entrevistou-se 74 pescadores, sendo 91% (N=65) do sexo masculino e 9% (N=9) do sexo feminino. Os apetrechos mais utilizados foram: rede de emalho (97%, N = 65), matapi (82%, N = 55), caniço (60%, N = 40) e espinhel (36%, N = 24). As principais embarcações utilizadas são a canoa a remo (42%), a rabetá (28%) e a rabudo (24%). Foram observados vários pontos de pesca, realizados principalmente no Rio Tocantins (69%), Rio Tabatinga de Baixo (7%), Rio Guajará (4%). Foram registradas 29 espécies de pescados, dentre elas, as quatro mais frequentes foram respectivamente: pescada branca, camarão, mapará e o tucunaré. Os pescadores relataram que capturam o tempo todo, isso em pequena ou grandes quantidades, há indícios que existem várias coortes nessa região, dessa forma explicaria as capturas de forma recorrente.

Palavras-chave: Pesca artesanal, Baixo Tocantins e atividade pesqueira.

Abstract - Fishing and artisanal fishers in the municipality of Cametá, state of Pará, Eastern Amazonia

Fishing activities in the Amazon region encompass a variety of activities, both subsistence and commercial. In the Lower Tocantins microregion of Cametá, Pará, fishermen primarily earn their living from artisanal fishing. This study aimed to characterize fishing and fishermen in the municipality of Cametá, in the northeastern mesoregion of the state of Pará. It involved fishermen affiliated with the Z-16 colony and non-affiliated artisanal fishermen at their fishing locations. Data collection took place in February and March 2023 through interviews with artisanal fishermen using semi-structured questionnaires. To characterize fishing, the questionnaire included questions about the gear used, the fishing location, and the vessel used. A total of 74 fishermen were interviewed, 91% (N=65) male and 9% (N=9) female. The most used gear was gillnet (97%, N = 65), matapi (82%, N = 55), rod (60%, N = 40), and longline (36%, N = 24). The main vessels used were rowing canoes (42%), rabetá (28%), and rabudo (24%). Several fishing points were observed, mainly in the Tocantins River (69%), Tabatinga de Baixo River (7%), and Guajará River (4%). Twenty-nine fish species were recorded, of which the four most frequent were, respectively: white hake, shrimp, mapará, and peacock bass. Fishermen reported catching fish in small or large quantities. There are indications that there are several cohorts in this region, thus explaining the recurring catches.

Key words: Artisanal fishing, Lower Tocantins and fishing activity.

*Autor Correspondente: R. A. das Chagas, e-mail: rafaelanaisce@gmail.com

Resumen - La pesca y los pescadores artesanales del municipio de Cametá, estado de Pará, Amazonia Oriental

Las actividades pesqueras en la región amazónica abarcan diversas actividades, tanto de subsistencia como comerciales. En la microrregión del Bajo Tocantins de Cametá, Pará, los pescadores se ganan la vida principalmente con la pesca artesanal. Este estudio tuvo como objetivo caracterizar la pesca y los pescadores en el municipio de Cametá, en la mesorregión noreste del estado de Pará. Involucró a pescadores afiliados a la colonia Z-16 y pescadores artesanales no afiliados en sus localidades de pesca. La recopilación de datos se llevó a cabo en febrero y marzo de 2023 mediante entrevistas a pescadores artesanales mediante cuestionarios semiestructurados. Para caracterizar la pesca, el cuestionario incluyó preguntas sobre el arte utilizado, el lugar de pesca y la embarcación utilizada. Se entrevistó a un total de 74 pescadores, 91% (N=65) hombres y 9% (N=9) mujeres. El arte más comúnmente utilizado fue la red de enmallé (97%, N = 65), matapi (82%, N = 55), caña (60%, N = 40) y palangre (36%, N = 24). Las principales embarcaciones utilizadas fueron canoas de remo (42%), rabetas (28%) y rabudo (24%). Se observaron varios puntos de pesca, principalmente en el río Tocantins (69%), el río Tabatinga de Baixo (7%) y el río Guajará (4%). Se registraron veintinueve especies de peces, de las cuales las cuatro más frecuentes fueron, respectivamente: merluza blanca, camarón, mapará y pavón. Los pescadores reportaron capturar peces todo el tiempo, en pequeñas o grandes cantidades. Hay indicios de que hay varias cohortes en esta región, lo que explica las capturas recurrentes.

Palabras clave: Pesca artesanal, Bajo Tocantins y actividad pesquera.

Introdução

A atividade pesqueira na região amazônica possui uma variedade de modalidades sendo caracterizada por diferentes tipos de pescarias (Perera Brito & Oliveira Costa, 2019). Freitas & Rivas (2006) citam existir seis modalidades de pesca na região Amazônica: pesca de subsistência praticada por grupos familiares e pequenas comunidades com produção destinada para o consumo próprio, pesca comercial multiespecífica no qual abastece grandes centros urbanos regionais; pesca comercial monoespecífica, voltada à exportação, especialmente de bagres amazônicos como a piramutaba *Brachplatystoma vailantii* (Valenciennes, 1840); pesca de reservatório, praticada em hidrelétricas por pescadores conhecidos como “barrageiros”; pesca esportiva como recreação e pesca ornamental, destinada à exportação, praticada principalmente no Rio Negro e em seus afluentes.

A diversidade de sistemas biológicos e diferentes populações, na região amazônica, possibilita uma atividade pesqueira complexa. Dentre os ambientes diversos, na microrregião do Baixo Tocantins que compreende os municípios de Abaetetuba, Igarapé Miri, Limoeiro do Ajuru, Cametá, Mocajuba, Baião e Oeiras do Pará (Rocha et al., 2019) são encontrados pescadores artesanais, profissionais e de subsistência, onde a principal forma de sustento das famílias ribeirinhas é direcionada à pesca artesanal (De Carvalho, 1998).

Quanto aos apetrechos de pesca utilizados pelos pescadores, são classificados em oito categorias: malhadeira – rede de emalhar de nylon multifilamento com malhas variadas; miqueira – rede de emalhar de nylon monofilamento com malhas variadas; bubuia – rede de emalhar longa e alta, colocada à deriva no meio do rio; tarrafa – rede cônica com bordas equipadas com chumbo; linhas - linha de nylon comprida, com um anzol na ponta, utilizada na mão, amarrada a vara de madeira ou presa a ponto fixo na margem; espinhel - uma linha comprida com vários anzóis; artes de lançar, podem ser três aparelhos distintos: arpão, arco e flecha ou zagaia que é uma haste de madeira com ponta metálica afiada e mais – a combinação de diferentes artes de pesca utilizadas durante uma pescaria (Isaac, et al., 1996).

Neste contexto, o município de Cametá apresenta áreas de várzea no qual favorecem a pesca e extrativismo do açaí *Euterpe oleracea* (Cardoso et al. 2005), que são recursos alimentares essenciais das famílias da região (Maurício, 2020). Na região do Baixo Tocantins, Cametá-PA, são encontrados pescadores artesanais, profissionais e de subsistência, onde a principal forma de sustento das famílias ribeirinhas é direcionada à pesca artesanal (Carvalho, 1998), sendo as espécies mais frequentes: pescada branca (*Plagioscion squamosissimus* (Heckel, 1840)), mapará (*Hypophthalmus marginatus* (Valenciennes, 1840)), tucunaré (*Chichago* spp.) e camarão (*Macrobrachium amazônicos* (Heller, 1862)). Dentre as espécies capturadas o mapará

(*Hypophthalmus* spp.), pertencente à família Pimelodidae, um gênero e três espécies (*H. marginatus*, *H. edentatus* e *H. fimbriatus*), é de interesse econômico (Cutrim & Batista, 2005).

A caracterização da pesca e dos pescadores da região amazônica são temas bastante abordados na literatura científica (Abreu et al. 2024; Braga e Chagas, 2023; Correa et al. 2018, Zacardi et al. 2017, Chagas et al. 2016). Esses estudos auxiliam a gestão da pesca e aspectos sociais direcionados aos pescadores (Cruz, 2019). Diante das informações, o presente estudo objetivou caracterizar a pesca e o pescador do município de Cametá, situado na mesorregião do nordeste do estado do Pará (Amazônia Oriental).

Material e métodos

A área de estudo delimita-se no município de Cametá, que se localiza na mesorregião do Nordeste paraense, com uma área de aproximadamente de 3.081,36 km². Ao Norte o município é limitado pela cidade de Limoeiro do Ajuru, ao sul por Mocajuba, a Leste por Igarapé-Miri e a oeste por Oeiras do Pará, conforme a Figura 1.

Figura 1. Mapa da área de estudo do município de Cametá, estado do Pará.



Este estudo foi realizado tanto com pescadores do município de Cametá-PA vinculados a colônia Z-16 tanto com os pescadores artesanais não-associados nos locais de saída da pesca. Locais onde aplicou-se as entrevistas foram na associação, feira municipal e casas dos pescadores localizadas na Vila do Carapajó, nos meses fevereiro e março de 2023. A coleta de dados foi obtida através de entrevistas diretas com os pescadores artesanais aplicando questionários semiestruturados.

Para isso, utilizou-se o método de amostragem denominado bola-de-neve (ou *Snowball Sampling*), que é um tipo de amostragem não-probabilística utilizada principalmente em pesquisas qualitativas ou quando é difícil acessar populações específicas e de difícil alcance, como é o caso dos pescadores artesanais (Vinuto, 2014). Essa metodologia de amostragem não permite determinar o tamanho amostral ou a probabilidade de seleção de cada entrevistado na pesquisa, mas é eficiente e bastante aplicada em estudos envolvendo comunidades tradicionais, como por exemplo, a caracterização de pescaria (Glaser; Strauss, 2006; Chagas et al., 2016; Braga e Chagas, 2022).

Para a caracterização da pesca, o questionário incluiu perguntas acerca dos apetrechos utilizados, o local da pesca, a embarcação utilizada e a comercialização do pescado. O questionário baseou-se no estudo de Braga e Chagas (2022), realizado com os pescadores da Baía do Sol (Mosqueiro, Pará). Ressalta-se que os apetrechos de pesca e as embarcações utilizadas foram fotografadas para melhor ilustrar o presente trabalho.

Resultados e Discussão

Foram entrevistados 74 pescadores, sendo 91% (N=65 pescadores) são do sexo masculino, com idades de 21 a 72 anos e 9% (N=9 pescadoras) do sexo feminino, com idade de 30 a 59 anos. A predominância de homens na atividade pesqueira em comunidades na região Norte do Brasil (Zacardi et al., 2014; Pantoja et al., 2021; Braga e Chagas, 2022), onde a participação feminina ocorrendo no processamento do pescado (Figura 2).

Figura 2. Proporção de pescadores por sexo, idade e tempo de pesca do município de Cametá, Amazônia Oriental, Estado do Pará.



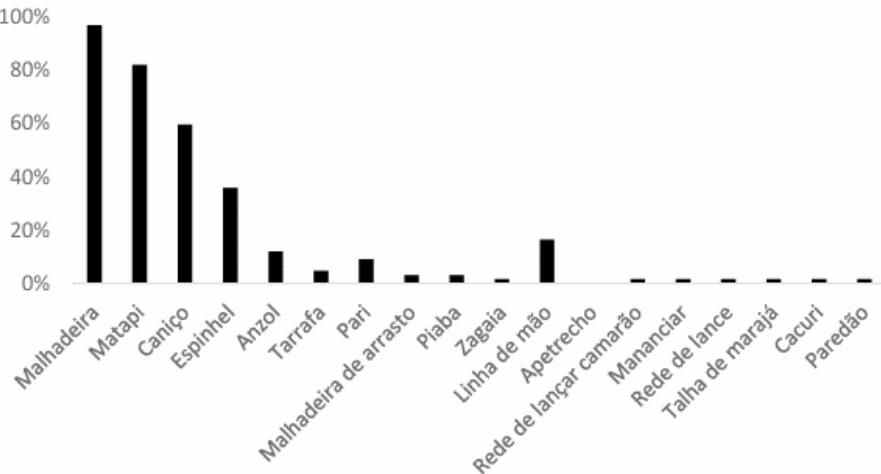
Em relação ao tempo de exercício dos pescadores, 94% (N = 63) começaram a acompanhar os pais na atividade da pesca desde os seus 10 anos de idade demonstrando como era comum essa realidade antiga com seus pais. Os demais (6%, N = 4) possuíam entre 5 e 10 anos exercendo a atividade, sendo a faixa etária entre 21 e 30 anos de idade. Observa-se habilidade, envolvimento e o domínio predominante desses pescadores preservam sua cultura e tradição, além de preservar o conhecimento da biodiversidade ao produzir os apetrechos, profundo conhecimento dos locais de pesca, da dinâmica dos rios, furos e igarapés e o hábito dos animais a serem capturados (Sousa et al. 2021). E segundo Baia (2019), as famílias ribeirinhas possuem a prática do saber-fazer artesanal herdada dos seus pais.

Os pescadores artesanais de Cametá demonstraram, de acordo com os dados da pesquisa, que ainda obtêm conhecimento adquiridos dos seus pais, na confecção do seu material de trabalho, principalmente os mais antigos, onde 31% (N = 36) confeccionam caniço, 30% (N = 34) o matapi, 20% (N = 23) a malhadeira e 19% (N = 22) o espinhel.

Outro fato relevante é que muitos pescadores, espontaneamente, reclamaram da interferência dos botos na pescaria que rasgaram as redes (malhadeira) à procura de peixe para se alimentar, se emalham e se machucam, assim causando prejuízo financeiro aos pescadores. Conforme Brum (2011), o aparecimento dos botos coincide com o período das cheias na região. Em contrapartida o benefício aos pescadores, é que o boto ajuda a localizar os cardumes neste período, como ocorre na abertura da pesca do mapará, em Cametá, facilitando a localização de cardumes (Desvaux, 2013), pois o peixe é alimento essencial na dieta dos botos (Echeverria et al., 2022).

Foram observados para a execução da atividade de pesca vários tipos de apetrechos, conforme os questionários, os mais utilizados são: malhadeira (rede de emalhe) onde observa-se 97% (N = 65) dos pescadores usando na atividade, em seguida o matapi 82% (N = 55), o caniço 60% (N = 40) e o espinhel 36% (N = 24) (Figura 3). Importante ressaltar que quase todos os entrevistados, usam com frequência mais de um apetrecho. De acordo com Freitas & Rivas (2006), na região amazônica a pesca é complexa devido a variedade de apetrechos e estratégias para pescar.

Figura 3. Apetrechos de pesca utilizados pelos pescadores artesanais de Cametá, estado do Pará.



Os tipos de apetrechos mais utilizados em Cametá-PA, como a rede (malhadeira) encontrados, são semelhantes aos registros de estudos realizado na Baía do Sol (Ilha de Mosqueiro) por (Braga e Chagas 2022). Corroborando com o trabalho de Chagas et al. (2023), é mencionado, na Região do Tapajós, que os principais apetrechos de pesca utilizados são, respectivamente, rede malhadeira, linha comprida, tarrafa, espinhel e

zagaia. Garcia et al. (2008) afirma que apetrechos como rede malhadeira e espinhel são mais frequentes na pesca de bagres. Em um estudo, Souza et al. (2018) cita rede de emalhe, caniço e espinhel como apetrechos utilizados nas ilhas fluviais de Paciência e Baixio (Iranduba – AM) (Figura 4).

Figura 4. Apetrechos de pesca mais utilizados pelos pescadores artesanais de Cametá-PA: Malhadeira (A); Matapi (B); Caniço (C); Espinhel (D).



Quanto as embarcações utilizadas na pesca no município de Cametá, verificou-se que em totalidade são de madeira, classificadas em: casco a remo (42%), a rabeta (28%) e a rabudo (24%) (Figura 5). A maioria das embarcações empregadas são próprias (93%), mas há também o uso de embarcações emprestadas (6%) e/ou alugada (1%). Silva Batista et al. (2019) infere que a frota pesqueira na amazônica central é composta por barco de pesca artesanal, canoa de propulsão a remo e canoa motorizada. Em geral, são embarcações mais simples de calado pequeno, pois às vezes navegam por furos de rios que são corpos hídricos de pouca profundidade e a produção pesqueira é pequena.

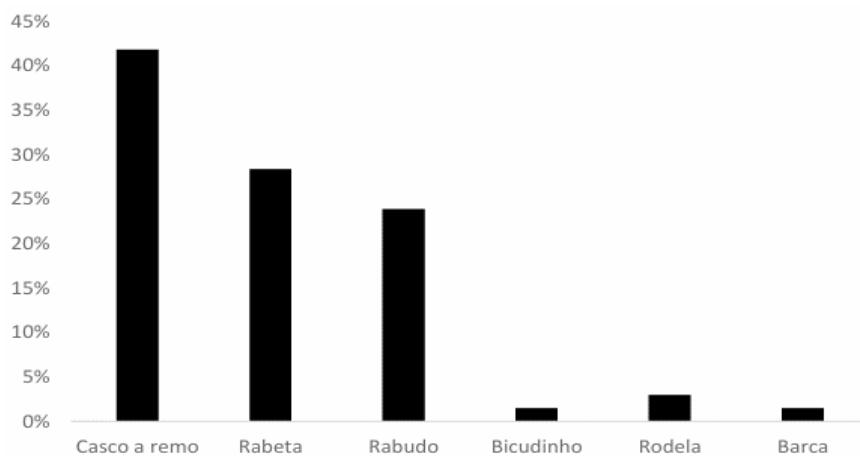


Figura 5. Embarcações utilizadas pelos pescadores artesanais de Cametá, estado do Pará.

Em relação às embarcações motorizadas, verificaram-se que a maioria respondeu utilizar a rabeta, seu motor à óleo de baixa potência (6,5), na qual o motor se localiza no meio da embarcação e se pilota na frente e no rabudo o motor utilizado é considerado de pequeno porte sendo conduzido se pilotando atrás e sua hélice se encontra na ponta do eixo. De acordo com Pinheiro et al. (2020), relata que a embarcação mais manuseada na região do salgado paraense é a canoa e as canoas motorizadas.

No trabalho do dia a dia desses pescadores foi notório nas embarcações de casco a remo ter como característica a presença da família como: marido e mulher ou pai e filho, sendo também observado nas embarcações motorizadas (Figura 6). Os “cascos” ou “casquinhos” são embarcações com cerca de quatro metros de comprimento, cavadas em peça única de madeira ou cometida de tábuas (Oliveira, 2022).

Nesse contexto, os pescadores artesanais exercem suas atividades quase diariamente, dependendo da dinâmica dos ecossistemas amazônicos relacionados aos períodos de cheias e secas, ou seja, das influências das sazonais das chuvas e do movimento das marés (Almeida, 2013).

Figura 6. Embarcações de pesca utilizados pelos pescadores de Cametá-PA: Canoa (A); Remo (B); Rabeta (C); Motor da rabeta (D); Rabudo (E); Motor do rabudo (F).



A cidade de Cametá, cercada por ilhas, vilas e comunidades, a sede onde foram observados vários pontos de pesca, realizados principalmente no Rio Tocantins (69%), Rio Tabatinga de Baixo (7%), Rio Guajará (4%) e o restante no percentual da pesquisa (Figura 7). Segundo Oliveira (2014), o município de Cametá é caracterizado por ilhas e áreas de terra firme, aproximadamente 2.487 Km², composto por 20,3% de rios e baías, 36,4% de campos naturais, 26,2% de áreas de várzeas e ilhas sendo formadas por 17,1% de terra firme.



Figura 7. Locais de pontos de pesca em Cametá - PA.

A venda do pescado é realizada principalmente na feira de Cametá seguido da feira na Vila do Carapajó, próximo de Cametá (40 minutos de voadeira). A pesquisa aponta que apenas 12% são para a pesca de subsistência. De acordo com os pescadores entrevistados um hábito comum, em locais como feiras, é alojar o pescado excedente da venda enrolados em folhas de bananeira, amarrar vários peixes juntos chamado de cambada em cima de pedaços de papelão (Figura 8A) ou em cestos feitos de fibras vegetais, popularmente conhecido como “paneiro” (Figura 8B). Segundo Prazeres (2021), o pescado é comercializado em quilo (Kg) ou pela unidade em cambadas de uma única espécie ou combinações de várias espécies.

Figura 8. Venda de peixes na feira de Cametá, estado do Pará. A: pescado comercializado em cima de papelão. B: pescado comercializado em paneiros.



Conforme observado, a venda dos peixes realizada na feira é de forma preocupante, onde o peixe é colocado no paneiro e direto em contato com o chão como na, em cima de uma proteção, sendo necessário um apoio melhor das autoridades para o exercício desse profissional. Faz parte da cultura local, pois este procedimento é feito devido muitos não possuírem o hábito de colocar no gelo, geralmente são vendidos para vizinhos em cambadas ou quando sobra levam para seus familiares. Na feira do Carapajó, a maioria do pescado é comercializado *in natura*, não eviscerado (Prazeres, 2021).

Em concordância com as respostas dos pescadores, através dos questionários foram registradas 29 espécies de pescados, dentre elas, as quatro mais frequentes foram respectivamente: a pescada branca (*Plagioscion squamosissimus* (Heckel, 1840)), outra categoria de pescado como o camarão de água doce (*Macrobrachium amazonicum* (Heller, 1862)), mapará (*Hypophthalmus marginatus* (Valenciennes, 1840)) e o tucunaré (*Cichla* spp.). Além das espécies listadas por Carvalho (1998) que são capturadas na região do Baixo Tocantins, também foram registradas as seguintes espécies: dourada (*Brachyplatystoma flavicans* (Castelnau, 1855)), acaratinga (*Geophagus proximus* (Castelnau, 1855)), apapá (*Pellona* spp.), tainha (*Mugil* spp.), jacundá (*Crenicichla* spp.), mandubé (*Ageneiosus* spp.), filhote (*Brachyplatystoma filamentosum* (Lichtenstein, 1819)), matrinxã (*Brycon orbignyanus* (Valenciennes, 1850)), pirapitinga (*Piaractus brachypomus* (Cuvier, 1818)), branquinha (*Anodus* spp.), arraia (*Potamotrygon* spp.), bacu (*Platydoras costatus* (Linnaeus, 1758)), aracu (*Schizodon* spp.), cachorro de padre (*Trachelyopterus galeatus* (Linnaeus, 1766)), sarda (*Pellona* spp.), curimatã (*Prochilodus* spp.), piau (*Leporinus* spp.), traíra (*Hoplias malabaricus* (Bloch, 1794)) e jeju (*Hoplerythrinus unitaeniatus* (Spix & Agassiz, 1829)). As espécies mais diversas capturadas no Rio Tocantins são de ciclídeos (Santos et al., 1984), além de espécies das famílias siluriformes e chacariformes (Barthem; Fabré, 2004).

De acordo com os questionários, a pescada branca, foi a espécie mais frequente nas pescarias, isso se deve pelo fato de possuir uma desova parcelada, Ruffino e Isaac (1995). Como os pescadores relataram que capturam o tempo todo, isso em pequena ou grandes quantidades, há indícios que existem várias coortes nessa região, dessa forma explicaria as capturas de forma recorrente.

Segundo relatos de alguns pescadores, foi perceptivo a diminuição de algumas espécies de peixe depois da construção da barragem da Usina da Hidrelétrica de Tucuruí, que comprometeu a pesca em municípios que ficam à jusante do Rio Tocantins. De acordo com Bentes et al. (2014), afirma que a integração e acordos das comunidades pesqueiras ajudam a minimizar as dificuldades que os pescadores artesanais enfrentam há quatro décadas após a construção da barragem da Usina Hidrelétrica de Tucuruí.

Em suma, a pesca artesanal na região amazônica tem uma característica com artes de pesca rudimentares, principalmente na pesca de subsistência. O pescador repassa para seus filhos, geralmente o filho homem, os saberes da pescaria, não necessariamente exercer a pesca, mas também a confecção dos apetrechos. Quanto aos diversos modelos de embarcações de pequeno porte, além de auxiliarem na pesca, servem para a

locomoção dos ribeirinhos até os centros urbanos mais próximos, seja para vender o pescado capturado ou para atividades sociais do dia a dia.

As ações antrópicas como a construção de usinas hidrelétricas interferem na dinâmica dos organismos aquáticos. Dessa forma em relação às espécies capturadas, a construção da barragem afetou os estoques pesqueiros, levando os pescadores a capturarem espécies menores, como o mapará “fifite”, nome popular dado a indivíduos ainda juvenis. Por não atingirem o tamanho da primeira maturação, essa pesca compromete o estoque da região e as guildas tróficas do ecossistema local. Logo, se faz necessário políticas públicas de sustentabilidade e gestão pesqueira que envolvam os *stakeholders* (pescadores, comerciantes, donos da embarcação, colônia de pescadores, comunidade científica e representantes do setor público) nas pescas praticadas na microrregião do Baixo Tocantins.

Conclusão

A pesca no município de Cametá é praticada majoritariamente por homens, que atuam desde a sua infância e que confeccionam seu próprio apetrecho, sendo a malhadeira o principal. Os pescadores utilizam em sua maioria embarcações próprias, realizando a pesca geralmente entre membros da mesma família.

A venda do pescado é realizada no município e comunidades adjacentes, sendo comercializado de modo inadequado de acordo com as recomendações sanitárias. Além disso, em quantidade menor, também é praticada a pesca de subsistência. Dentre as espécies mais pescadas estão o mapará, a pescada-branca, o tucunaré e o camarão regional.

Portanto, os estudos sobre a caracterização da pesca contribuem para otimizar gestões de ordenamento e sustentabilidade dos estoques pesqueiros que envolvem agentes da cadeia produtiva do como os órgãos públicos, empresários, pescadores e peixeiros. Pois a pesca é um importante indicador da qualidade ambiental ao se avaliar parâmetros como a quantidade de embarcações ativas, os tipos de apetrechos utilizados, a quantidade de pescadores a bordo, espécies alvo e biodiversidade impactada.

Referências

Abreu, V. S., Ramos, E. D. N. F., Almeida Alves-Júnior, F., Chagas, R. A., Cintra, I. H. A., & Herrmann, M. (2024). Pesca e estrutura populacional do pitú *Macrobrachium carcinus* (Linnaeus, 1758) coletado na Ilha do Marajó-PA (Amazônia Oriental). *Observatorio De La Economía Latinoamericana*, 22(11), e7602-e7602. <https://doi.org/10.55905/oelv22n11-030>

Almeida, I. C. D. (2013). O papel da pesca na eficiência reprodutiva dos ribeirinhos do Baixo Tocantins: O caso do município de Mocajuba-PA.

Baia, E. F. (2019). A pesca do camarão como uma prática educativa no projeto de assentamento agroextrativista Nossa Senhora do Livramento Ilha Tabatinga, Abaetetuba-pa. *Revista Sociais e Humanas*, 32(3). <https://doi.org/10.5902/2317175834732>

Barthem, R. B., & Fabré, N. N. (2004). Biologia e diversidade dos recursos pesqueiros da Amazônia. *A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia brasileira*, 1, 17-62.

Bentes, E. S.; Santana, A.C.; Almeida, O. T.; Santana, A. L. A pesca artesanal a jusante da Usina Hidrelétrica (UHE) de Tucuruí, estado do Pará. Lanham, MD: AltaMira Press, 2014.

Braga, M. M., & Anaisce, R. (2023). Saúde e segurança no trabalho do pescador artesanal: um estudo de caso na Baia do Sol (Ilha de Mosqueiro, Amazônia). *Cadernos Cajuína*, 8(3), e238307-e238307. <https://doi.org/10.52641/cadcajv8i3.99>

Braga, M. M., & Chagas, R. A. (2022). Questionário para pesquisa sobre pesca e pescadores. *FigShare*. <https://doi.org/10.6084/m9.figshare.20346426.v1>

Braga, T. M. P., Lima, J. S., Reis, A. R. R., Henn, Y. F. F., & Junior, C. H. F. (2023). Caracterização da atividade pesqueira na região do baixo e médio rio Tapajós, Pará, Brasil. *Observatorio de la Economía Latinoamericana*, 21(8), 9988-10007. <https://doi.org/10.55905/oelv21n8-115>

Bussab, W. O. & Morettin, P. A. (2010). *Estatística Básica* (6 ed.). Editora Saraiva.

Cardoso, A. C. D., Reymão, A. E., Bastos, A. P. V., Castro, A. J. D. O., Szlafsztein, C. F., Lima, J. J. F., ... & Côrtes, M. I. T. (2005). Concepção integrada de Planos Diretores Municipais e Plano de Desenvolvimento Regional: o caso do baixo Tocantins/PA. *XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento e Regional-ANPUR de*, 23.

Carvalho, D. M. (1998). *Política e exclusão social: um estudo sobre o município de Cametá/PA.*

Chagas, R. A., Barros, M. R. F., Santos, W. C. R., Vale, A. V. P., & Sousa, C. R. S. (2016). Aspecto da pesca e socioeconomia de pescadores artesanais do município de São João de Pirabas, Pará. *Revista Educação Ambiental em Ação*, 56, 1-4.

Cruz, S. D. S. L. (2019). Território pesqueiro na Amazônia brasileira: a importância da pesca artesanal. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, (5), 6.

Cutrim, L., & Batista, V. D. S. (2005). Determinação de idade e crescimento do mapará (*Hypophthalmus marginatus*) na Amazônia Central. *Acta Amazônica*, 35, 85-92. <https://doi.org/10.1590/S0044-59672005000100013>

Desvaux, J. A. S. (2013). Captura accidental da Toninha, *Pontoporia blainvillei* (Cetacea: Pontoporiidae) e do boto-cinza, *Sotalia guianensis* (Cetacea: Delphinidae) em redes de pesca no complexo estuarino lagunar de Cananéia, litoral sul do estado de São Paulo.

Diegues, A. C. (2019). Conhecimentos, práticas tradicionais e a etnoconservação da natureza. *Desenvolvimento e meio ambiente*, 50, 66617.

Echeverria, A., Botta, S., Marmontel, M., Melo-Santos, G., Fruet, P., Oliveira-da-Costa, M., ... & Van Damme, P. A. (2022). Trophic ecology of Amazonian River dolphins from three rivers in Brazil and Bolivia. *Mammalian Biology*, 102(5), 1687-1696.

Freitas, C. E. D. C., & Rivas, A. A. F. (2006). A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia Ocidental. *Ciência e cultura*, 58(3), 30-32.

Garcia, S. M., Allison, E. H., Andrew, N. J., Béné, C., Bianchi, G., Graaf, G. J., ... & Orensanz, J. M. (2008). *Rumo a uma avaliação e aconselhamento integrados na pesca de pequena escala: princípios e processos.*

Glaser, B., & Strauss, A. (2017). *Discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. Routledge.

Isaac, V. J., Milstein, A., & Ruffino, M. L. (1996). a Pesca Artesanal no Baixo Amazonas: análise Multivariada da captura por espécie. *Acta Amazonica*, 26(3), 185-208.

Maurício, V. D. S. P., Rodrigues, P. G., Ramos, F. M., & Soares, J. L. F. (2020). A redução dos recursos pesqueiros da microrregião de cametá sob a ótica dos Ribeirinhos (Cuxipiarí Carmo e Parurú de cima). *Brazilian Journal of Development*, 6(1), 3956-3963.

Oliveira, R. (2022). Aprender a pescar: comunidades de práticas na pesca ribeirinha amazônica. *Amazônica-Revista de Antropologia*.

Oliveira, T. N., Brandão, L. P., & Pena, H. W. A. (2014). Análise da dinâmica da estrutura produtiva do município de Cametá, Amazônia-Brasil. *Observatório da Economia Latinoamericana*, (194).

Pantoja, J. S. L., Silva, A. V. B., Sena, M. C., Gomes, S. C., & Chagas, R. A. (2021). O Trabalho Da Mulher Pescadora: um estudo de caso no estado do Pará. *Acta of Fisheries and Aquatic Resources*, 9(1), 72-77. <https://doi.org/10.46732/actafish.2012.9.1.72-77>

Perereira Brito, T., & Oliveira Costa, L. C. (2019). Caracterização da atividade pesqueira desenvolvida em comunidades rurais do nordeste paraense-Amazônia-Brasil. *Ambiência*, 15(2).

Pinheiro, K. A. O., Carneiro, F. S., Moura, Á. L., Santos, E. M., SOUZA, J., D'ARACE, L. M. B., ... & FRAZÃO, A. (2020). Segurança do trabalho na pesca artesanal na região do salgado paraense. *Ponta Grossa: Atena*.

Prazeres, V. D. J. R. (2021). Peixes comercializados na feira de Carapajó (Cametá-PA).

Rocha, E. J. M. D. (2019). Pesca artesanal: desembarque pesqueiro no município de Mocajuba: dados e espécies.

Ruffino, M. L., & Isaac, V. J. (2000). Ciclo de vida e parâmetros biológicos de algumas espécies de peixes da Amazônia brasileira. *Recursos pesqueiros do médio Amazonas: biologia e estatística pesqueira*. Brasília, DF, Brazil: Coleção Meio Ambiente, 11-30.

Sanches Correa, J. M., Rocha, M. D. S., dos Santos, A. A., Serrao, E. D. M., & Zacardi, D. M. (2018). Artisanal fishing characterization in the Jua Lake, Santarem, Para. *Revista Agrogeoambiental*, 10(2), 61-74. <https://doi.org/10.18406/2316-1817v10n220181116>

Santos, G., Jegu, M., & Merona, B. D. (1984). Catálogo de peixes comerciais do baixo rio Tocantins; projeto Tucuruí.

Silva Batista, V. D. S. (2019). Frota pesqueira comercial na Amazônia Central: composição, origem, espécies exploradas e mercado. *Revista Agroecossistemas*, 11(1), 146-168.

Sousa, A. B., Saboia, T. C., & Nascimento, A. S. (2021). “No fundo se pega o Mandií e na beira o Jacundá”: Saberes da pesca artesanal no rio Urucuzal, Marajó, Pará: “At the bottom you catch the Mandií and on the shore the Mandubé”: Knowledge of artisanal fishing in the Urucuzal River, Marajó, Pará. *Revista Cocar*, 15(33).

Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220.

Zacardi, D. M., Ponte, S. C. S. D., & Silva, A. J. S. (2014). Caracterização da pesca e perfil dos pescadores artesanais de uma Comunidade às margens do rio Tapajós, Estado do Pará. *Amazônia: Ciência & Desenvolvimento*, 10(19), 129-148.

Zacardi, D. M., Saraiva, M. L., & Vaz, E. M. (2017). Caracterização da pesca artesanal praticada nos lagos Mapiri e Papuçu às margens do rio Tapajós, Santarém, Pará. *Revista Brasileira de Engenharia de Pesca*, 10(1), 31-43.

Como citar o artigo:

Melo, A.C., Silva, J.A.S, Barros, M.R.F. & Chagas, R.A. (2025). A pesca e o pescador artesanal do município de Cametá, estado do Pará, Amazônia Oriental. *Actapesca*, n. esp., 32-41